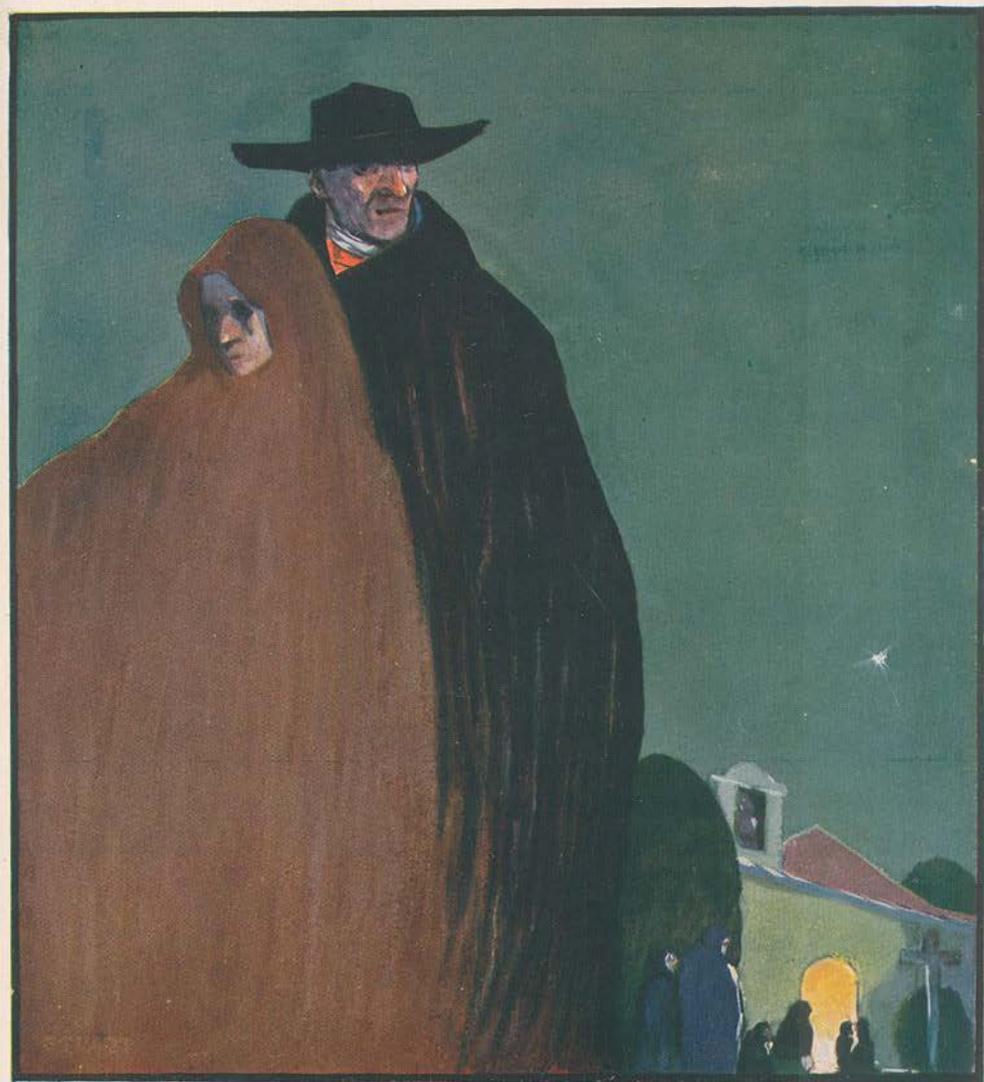


EM NOITE DE NATAL



(Desenho de Stuart Carvalhaes.)

Ilustração Portuguesa

Segunda série — N.º 461

Director: J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L.^{DA}
Editor: José Joubert Chaves

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

EDIÇÃO SEMANAL
DO JORNAL

O SÉCULO

AGENCIA DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» EM PARIS
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 21 de Dezembro de 1914

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	10 centavos
ABO.....	4880	



Uma das oficinas
VENDAS A RETALHO



Inglês prático

O NOVO METODO

Inglês em 15 dias

em livros, sem estudo, com pronúncia figurada e conversação, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se 11-ões separadas a 50 réis Turco completo 500 réis. Propriedade do autor. Pelo correio 520 réis fortes. Remete-se a quem enviar esta importância em vale do correio a Mr. F. Alexander.

95, Rua Nova do Almada, s/j. D.
LISBOA

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pílulas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pílula.

A' VENDA

Almanaque Ilustrado d'O SEGULO

Para 1915

A' VENDA



Todos devem comprar na casa D. E. GOUVEIA & SILVA Successor, 84, Rua d'Assunção, 86. Proximo á Rua do Ouro.

Natal

240.000\$00

Bilhetes a 100\$00 e quadregécimos a 2\$50



REMEDIO FRANCÊS



Em todas as pharmacies ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, LISBOA. Frasco de parte com 2 Frascos.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-00

ASCENSOR

Pobres avesitas!

O delírio da falsificação atinge, todos os dias, na humanidade, expressões inéditas. Falsifica-se tudo, desde a mercearia até à alcova, desde o grão de bico até ao amor. O homem já está farto de falsificar o homem. Agora começa a falsificar, na natureza, a própria vida. A última falsificação d'este genero que conheço é a d'uns homens do Beato que, segundo referem os jornaes, cegavam os tentilhões com um ferro em



praza, a pouco e pouco, antes de os vender. Os tentilhões, cegos, chilveavam, piavam sem cessar—e assim os passarinhos conseguiam falsificar o canto das aves e vendiam-n'as melhor. Ha já n'este mundo miseraveis que falsificam Deus; ha quem falsifique a liberdade e tantos que falsificam a beleza. Mas falsificar a voz dos ninhos, á custa da infamia de lhes roubar a luz, é um requinte de depravação que só a esper-teza hedionda de um salão podia ter inventado. Pobre avesita! Era com a tua dor que se falsifi-cava a alegria do teu canto!

Um batizado

Uma linda aguarela da guerra. Na pequena aldeia franceza em ruínas, os sinos repicam em festa. A devastação alemã passára por ali, mutilando e arrasando. Ouve-se o troar da artilharia, ainda proxima. Por entre os escombros das casas destruidas e o luto dos campos desolados, um pequeno cortejo dirige-se á



egreja semi-demolidada, cujas paredes esburacadas e enegrecidas erguem ainda, a meio da estrada, a cruz mutilada de Christo. A' frente do cortejo, uma mulher do povo aconche-ga ao colo uma creança rosada que sorri; atraz, um soldado, coxeando d'um ferimento recente, dá o braço a uma linda rapariga. O cortejo aproxima-se do altar. A creancita é filha d'um refugiado belga morto dias antes, e vai ser batizada; aquele soldado e aquela franceza são os seus improvisados padrinhos. Dão-lhe o nome de «France». Ao sair do templo, as granadas chovem de novo sobre a aldeia.—E assim a pequenina «France» que a grande França adotára, recebeu simbolicamente, com o seu batismo catolico, o seu batismo de fogo.

A Maria Rapaz

Não a cantaram em verso, mas pouco menos. Tem dezoito anos, fuma como um marujo, anda de bicicleta como um homem e rouba carteiras como uma mulher. Na policia, as suas sortes de prestidigitação, empalmando relógios, fizeram o pasmo dos agentes e dos jornalistas. E' o que se chama uma creatura lançada. Tem a sua carreira feita. Está celebre. Só não pôde dizer-se d'ela que ha-de ir longe—porque não passa, mais dia, menos dia, da Penitenciaria. E eu compreendo tudo: aqueles horri-veis dezoito anos, em que não flori um beijo; aquela habilidade precoce e consumada na arte de esvasiar as algibeiras do proximo; aquela triste mocidade de mariolão de lupanar, condenada ao degredo do crime e da miseria. Só não compreendo aquelas brilhantes sessões de propaganda de mão baixa, realizadas deante de respeitavel publico, no proprio gabinete da policia, com reclame nos jornaes e não sei mesmo se convites á imprensa. *Honni soit qui mal y pense.* Como espetaculo de variedades, acho pouco; como instrução policial, acho talvez de mais.



O sorriso do Kaiser

Havia dantes um sorriso celebre, o da Monna Lisa. Hoje, as illustrações estrangeiras celebram um outro sorriso, o do Kaiser. Ou, melhor, um ex-sorriso—porque o que torna notavel o sorriso de Guilherme II, é... o facto de já não existir. O Kaiser já não sorri, diz-se. E, para prova, acumulam-se fotografias em que se vê, ha cinco ou seis mezes, a expressão dura, altiva, bigodeira, do Imperador, em cujos labios fortes



sorri teatralmente um desafio—e os retratos recentes, posteriores ao começo da guerra, em que o Hohenzolern perdeu o ar fulminante de Lohengrin, filho de Parsifal, e já não sorri ao mundo. A Humanidade esteve, ha tempos, para perder o sorriso de Monna Lisa—e foi n'esse momento que mais sentiu a beleza e a graça da boca da Gioconda; foá n'esse momento que o historico sorriso teve a sua apoteose de gloria. Agora que perdeu o sorriso do Kaiser, é que a Europa fala n'ele. O certo é que o Kaiser não sorri. A Alemanha receia. No dia em que ele não frizar os bigodes, a Alemanha está perdida. E só talvez n'esse dia se descobrirá que os famosos bigodes imperiaes eram dia iamente frisados pela casa Krupp—e com um ferro de frisar 42.

(Illustrações de Manoel Gustavo). AUGUSTO DE CASTRO



Logica do amor

NÃO esquecia esse episódio. Ao passar, ao parar perto d'ele, em conversa, ouvira-lhe dizer amargamente para alguém que o escutava, em silêncio: «... Cégo, nasci cégo. Não conheci pae, nem mãe, nem irmãos, nem palavra de bondade, nem afago amigo. Nasci, engeitaram-me. Passei fome, bateram-me. Desde que sei andar e falar, vivo da esmola... sempre no desejo d'um bem que não chega...» Ela olhara-o, ao ouvi-lo. Surpreendera-lhe o rôsto arripiado por um soluço. E vira-o logo hirto, encostado ao muro d'um prédio apalaçado, o chapéu para a nuca, o cabelo ruivo a descoberto, as palpebras vermelhas em extase, a face môça em espasmo, a mão apoiada a um bastão, o seu guia, no gesto de quem pede, ao peito uma placa com dístico, a sua voz, no laconismo de quem supplica: «Dae esmola ao triste cégo».

E era ela que se considerava infeliz!

Infeliz, francamente, porque? Tinha os seus paes vivos e sadios, os seus paes que, desde que nascera até que se casára, e ainda agora, como que a traziam no conchego amavel d'um berço — no embalo de todos os cuidados, tão diligentes, tão fôfos e tão tepidos, fazendo de beijos a taça das suas lagrimas, d'abraços o refugio dos seus desanimos. O amôr conhecera-o, por isso mesmo, na plenitude maxima, na expressão augusta em que ele assume a eminencia de todas as delicadezas, de todos os aneios, de todos os sacrificios.

Isto o amôr de familia — chama serena que aquece e ilumina, e não queima. O outro, que tambem aquece e ilumina, mas que quei-

ma e transfigura, oh, conhecera-o egualmente, sentira-lhe bem, sobre a pele, sobre o coração, sobre a alma o contacto que perturba, o bafo que adormece, o calor que funde, o aroma que alucina, a crepitação viva, a sofreguidão ardente, a amargura imensa que transfigura e inunda de todos os rubores das auras, que queima e mergulha em todos os negrumes das noites sem luar. Fôra infeliz n'esse amôr — é verdade, fôra infeliz. Casára cheia de ilusões, a aspiração a roçar a aza immaculada, mais pura do que a luz, pelos cimos ideaes da felicidade perfeita. Afinal, o homem, o seu homem, o seu idolo, depressa lhe fez comprehend'er que na ilusão, e só n'ela, reside a imagem real do Paraizo. A delicadeza correspondêra com brutalidade, á ternura com enfado. E em breve abandonava-a, trocava-a por uma comica horrivel do «Normal» — n'uma noite gelada em que o esperára, hora a hora, momento a momento, até ao nascer do dia, na anciedade e no pavor da revelação que se deseja e da realidade que se teme. Não apparecera mais. Sofrêra muito. Chorara imerso. Sofrêra e chorara tanto que a vida se lhe afigurára uma noite negra e sem fim, as lagrimas a sua unica claridade e o seu unico orvalho. Conformada, por ultimo, chegára a desprezar — mais do que isso, a esquecer. E agora, só em casa, com a velha ama que a creára, com o Antonio, jardineiro, muito seu amigo, com aquele traquinas do Joãosito, filho da cosinheira, que lhe queriam a valer, repartia o tempo e o coração pelos paes, a quem todos os dias visitava; pelas amigas, a quem visitava todas as semanas, pelas suas flôres — que fôra do regimen consagrado ás visitas, não tendo dia nem hora certos, tinham contudo cuidados mais frequentes e mais demorada presença.

Era nova. Não atingira ainda o alto da curva em que, das florescencias nascentes dos vinte e cinco anos, se desce para as florescencias crepusculares dos trinta. Que era bonita, não lh'o diziam apenas os impertinentes que a seguiam, que nos teatros e nos bailes lhe segredavam supplicas dissimuladas na renda dos

galanteios — diziam-lh'o também, menos ridiculos, mais eloquentes, os seus espelhos. E como para se certificar de que assim era, Aurora levantou-se, deixou o sofá pequenino, concha afavel de damasco em que se aninhara, cercada de almofadões, de quadros, de flores, de *bibelots*, encaminhando-se para o espelho do alto tremó que lhe ficava em frente, a larga moldura doirada e em talha, rematada, em cima, pela curva airosa e pelas rosas abertas que assinalam na arte de mobiliário o gosto de Luiz XV. O seu busto gentil, coberto de rendas preciosas, recortava-se no cristal do espelho.

Sorriu, desvanecida, para si mesma — muito agil e fina, d'uma escultura sobria de estatua grega, muito alva e direita, o nariz acentuado e nobre, a cabeleira negra e farta recordando os medalhões classicos de Roma. E ao sorrir, resplandeciu toda no encanto das suas linhas prestigiosas.

Ora, infeliz! O que mais queria, o que mais desejava? Falta-lhe... o quê? Ah, sim, o amor... O amor, que era tudo! Mas, o pobre cego, o cego que a sua imaginação insistentemente evocava, amarrado á parede do suplicio, mudo, espectral, revolvendo sem cessar o lôdo pestilento da miseria, nunca tivera amor, nem o conforto d'uma palavra amiga, nem o abrigo d'um teto familiar — nunca o amargôr da sua bôca fôra suavizado pelo mel do bem que desejava.

Evocando-o, a idéa que crescia dentro do seu ser, e que a perturbava, mais a perturbou e se enraizou. Porque não? Porque não havia de dar á noite d'aquela alma a sequencia natural d'uma alvorada? Fazer d'uma existencia mergulhada em escuridão, uma existencia

constelada de estrêlas — seria conquistar para si mesma uma existencia de felicidade plena. Bateria a esse peito em que o amor dormia, ansioso por despertar, entorpecido entre fezes de amarguras e farrapos de injustiças. Acorda-lo-ia, estremunhado e virgem, para a sagrada comunhão que se recebe d'uma boca, n'um beijo, — expressão e sentimento de duas almas.



Como isso lhe daria o gôso profundo e a emoção requintada! E ele sim, devia ama-la sempre, porque não amara nunca!

Ao menos por enquanto não lhe diria o seu nome, a sua origem, a sua morada. Manda-lo-ia chamar sem que soubesse onde o conduziam. Perfuma-lo-ia como um lenço, vesti-lo-ia como um idolo, rezar-lhe-ia como a um Deus. Que havia de inconveniente n'esse culto como vido? Se ele, de-

mais a mais, nem sequer fixaria a mão piedosa das suas caricias, se nem sequer poderia abrir os olhos para a mulher enternecida que o adorava — querendo ser adorada, sendo eternamente adorada na luminosa escuridão em que não entraria a voz d'outra mulher.

Aurora resolveu-se. Bem, perfeitamente, seria do homem que não fôra ainda de ninguém, que não seria senão seu. Convencia-se de que o amava já — estava convencida de que ia ser alucinadamente amada.

Convocou a ama a conselho.

— Oh menina, que disparate! Um cego, um mendigo, menina!

— Por isso mesmo... um sedento d'amôr...

O certo é que a ama transigiu, que combinaram que o cégo ali fôsse conduzido todas as noites, á hora em que recolhia ao abrigo de qualquer loja ou têlha vã — e que todas as noites mudasse o fato e se purificasse n'um banho. Assim se fez logo na noite seguinte. E então, n'um aturdimento d'ebrio cercado de luz intensa, n'uma surpresa de creança ajoujada de brinquedos, o cégo experimentou todas as branduras da delicadeza patricia, escutou todas as harmonias da palavra apaixonada, sentiu roçar-lhe a pele, que estremeia de gôso, o veludo tépido, a penugem suavissima, o halito imponderavel de todas as subtilidades da caricia insatisfeita.

— O seu nome? — perguntou, no intervalo d'um extase para outro extase, a voz muito leve, como que procurando insinuar-se no mysterio que o envolvia, os olhos inquietos, como que tentando aliciar a claridade que presentiam.

— O meu nome? — e hesitou. E como ele perguntasse de novo, agora n'um tom de supplica, ella colou a sua boca soffrega á boca d'ele, que se immobilizou, n'um espasmo, e segredou:—O meu nome?... Eu sou... o amôr...

O cégo, como se não comprehendesse, não se conformou, voltou a implorar que lhe dissesse quem era.

A' terceira noite, porém, Aurora notou com surpresa que já não lhe pedia o nome — mais ainda, descobriu, angustiada, que apezar da imensa ternura que lhe devia palpitar no peito, nunca utilizada nem desperdiçada, a sua ternura, no gesto, e nas palavras, era como gota d'agua escassa e lenta saindo d'uma esponja muito espremida, quasi seca. Os beijos do cégo, que na primeira noite foram tímidos, que na segunda foram ardentes, eram agora mortalmente frios. E a través da ruga que se lhe cavava na face, deslizava, como oleo por uma fenda, a sombra d'um grande tédio.

Na noite imediata a ama não o encontrou em frente do prédio onde costumava esmolar, — e onde ia busca-lo. E não o vendo mais, nem na noite nem dos dias seguintes, concluiu que a sua senhora estava emfim liberta do capricho que se lhe afigurava peor do que a loucura.

Aurora chorou com amargura a dezilusão

inesperada — a segunda, maior do que a anterior, por lhe parecer, ao abrigar-se n'um peito abandonado d'afetos, que seria esse o unico porto seguro d'um coração perdido de anciedade.

A magreza consumiu-lhe as formas ondulantes, as lagrimas apagaram-lhe no rosto a graça e a frescura. Irmã do desconforto, esqueceu a musica do riso, que é gorgeio da alma, a harmonia do adorno, que é ritmo dos sentidos.

Mas, em certa noite de inverno, com a chuva e o vento a gemer e a zumbir, Aurora, ao chegar perto de casa d'uma amiga, longe de sua casa, viu junto d'um portal, alagado e tiritando, um pobre cégo de mão estendida e chapeu para a nuca. Aproximou-se, muito tremula, n'um alvoroço. Era, na verdade, e em toda a sua indigência desprotegida, o cégo que lhe fugira — que andara tanto para se afastar do perfume das suas rendas. Passou-lhe os dedos enluvados pela mão que implorava — e, como se esse ligeiro contacto lh'a mostrasse mais nitidamente do que se os olhos se lhe iluminassem, e como se lhe dissesse tudo o que ela desejou dizer-lhe, que estava ali, que seria novamente sua, ele retraiu-se, inquirindo, magado:

— Para que me persegues?

— Porque quero abrigar-te da chuva e do vento. Vem comigo. Esperam-me as minhas sêdas, as minhas joias, a minha mêza opulenta, a minha alegria saudosa. Não pedirás mais, não sairás mais de junto de mim. Serei o teu pão e a luz dos teus olhos. Envolverei o teu corpo em lãs preciosas, em que ha sempre calor, darei á tua alma delicias inefaveis, em que ha sempre felicidade. Ficarás ao meu lado — e a tua vida, gota de mel em taça d'oiro, será mais completa do que a dos que nasceram na riqueza. Vem comigo... eu sou ainda, eu serei eternamente o amôr...

— O amor! — e as suas palpebras imoveis estremeeceram, como a um clarão interior. — Tu és o amor... E eu? Ah, olha... eu sou... eu não sei o que sou. Deixa-me, porem. O ouvir-te turvame a alma, como dizem que a nuvem turva o sol... Que me importam as tuas caricias e a tua mêsa? Quero a fome, a chuva, o vento, a humilhação do mendigo vindo do pão dos outros... e não quero o martirio doirado do teu amôr. O amôr só deve ser mel e ventura quando se deseja... O amôr que se oferece... esse amarga mais do que o fel da minha miseria...

SOUZA COSTA.



O NOVO MINISTERIO



2. O sr. dr. Alexandre Braga, ministro do interior — 3. O sr. dr. Alvaro de Castro, ministro das finanças — 4. O sr. dr. José Barbosa de Magalhães, ministro da justiça



1. O sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, novo presidente do ministerio e ministro da marinha

A crise ministerial não foi solucionada com a escolha de um ministerio nacional, como na presente ocasião era de esperar e se impunha pelos negocios gravissimos a resolver, mas sim, depois de varias diligencias infructiferas, por um ministerio de feição democratica, que ficou assim composto: π

Presidencia e marinha, Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, lente da Escola Naval — Interior, Alexandre Braga, auditor do Tribunal Superior do

Concencioso Fiscal — Finanças, Alvaro de Castro, vogal do Conselho Superior da Administração Financeira do Estado do Interior — Guerra, Joaquim Bazilio Cerveira e Sousa de Albuquerque e Castro, coronel de engen-



8. O sr. Eduardo Alberto Lima Bastos, ministro do fomento



9. O sr. Frederico Antonio Ferreira de Simas, ministro da instrução

ria — Estrangeiros e, interinamente, justiça, Augusto Soares, ajudante do procurador geral da Republica — Fomento, Eduardo Alberto Lima Bastos, professor do Instituto Superior de Agronomia — Colonias, Alfredo Rodrigues Gaspar, lente da Escola Naval — Instrução, Frederico Antonio Ferreira de Simas, lente da Escola de Guerra.

Para a pasta da justiça, digida interinamente pelo sr. dr. Augusto Soares, um dos nossos mais illustres juriscultos, foi escolhido o sr. dr. José Barbosa de Magalhães, lente da Faculdade de Direito na Universidade de Lisboa.



5. O sr. dr. Augusto Soares, ministro dos estrangeiros — 6. Osr. Alfredo Rodrigues Gaspar, ministro das colonias — 7. O sr. Joaquim Cerveira e Sousa de Albuquerque e Castro, ministro da guerra

No salão da «Ilustração Portuguesa». — A sr.^a D. Beatriz de Magalhães Corrêa, uma das mais notaveis professoras de piano de Lisboa, deu, no salão da «Ilustração Portuguesa», um concerto dedicado á imprensa.

O programa era constituido pelos mais dificeis trechos de obras de Liszt, Brahms, Beethoven, Chopin, Haendel, Llapounov e Gohslanyi que tiveram uma interpretação magistral pela eximia pianista.

A concorrência, que era da mais seleta da nossa sociedade, aplaudiu com verdadeiro entusiasmo a illustre professora, fazendo-a bi-



A sr.^a D. Beatriz de Magalhães Corrêa, distinta professora de piano

sar alguns numeros da sua maior predilecção.

Esta festa de arte deve perdurar no espirito da sr.^a D. Beatriz de Magalhães Corrêa, porque viu n'ela coroados os seus esforços de artista consumada na execução de verdadeiras peças de exame e do seu comprovado talento musical, aliás sobejamente conhecido e apreciado não só pelas suas alunas, que as tem muito distintas, mas pelas pessoas entendedoras que tem assistido aos seus brilhantes concertos.



O Natal do soldado no arampamento

I

*E' noite de Natal. A fantasia
Leve meu coração á terra amada
Onde eu primeiro vi a luz do dia
E ouvi primeiro o vento na quebrada ;
Onde ficou a estrela que me guia
Tornando lisa a tormentosa estrada
Que percorro com firme confiança,
Amparado na fé e na esperança.*

II

*Leve meu coração áquele monte
Onde meu gado apascentei cantando,
E áquele casa alvissima de fronte
Que o fumo á tarde envolve doce e brando ;
Leve-me á deleitosa e clara fonte
Onde eu a vi de cantarinha, quando
Tremula a fala, palidos de cor, =
Dissemos um ao outro o nosso amor.*



III

*E á capela onde fomos braço dado
Na noite de Natal, pisando a neve,
Entre oliveas, eu cheio de cuidado
Por sentir junto a mim seu corpo leve,
Ela a pensar no dia do noivado
Que nós ambos julgávamos tão breve
E que hoje tão distante se afigura
Como todos os sonhos de ventura*

IV

*Este clarão de morte que diviso
E lenta desviar-me o pensamento
Não me pôde ofuscar o seu sorriso
De terno e luminoso encantamento,
Pois ela me aparece de improviso,
Vejo-a, dando-me força e incitamento,
Olço-lhe a voz na hora da partida
Nas minhas veias insuflando a vida!*



V

*Vae, coração! Agora também ela
Seguiu, pisando a neve do caminho;
Entrou; ajoelhou-se; na capela
Rescendeu mais suave o rosmaninho;
Juntou as brancas mãos graciosa e bela
E junto do presepe o cordeirinho
Aconchegado aos pés do pegureiro
Balou mais amoroso e mais fagueiro.*

VI

*Vae, coração, e escuta a meiga prece
Que sae d'aquelles labios de inocente;
Não é um grito d'alma que esmorece
Mas que espera fiel, segura e crente;
Ha-de falar na dôr que não falece,
Tem lagrimas, é certo, a voz tremente
Mas se bem a escutares, coração,
Tambem fala em vitoria essa oração!*

VII

*E' noite de Natal. Hei-de voltar
E quando, já passados muitos anos,
Sentado no meu velho e pobre lar
Eu fôr contando aos novos estes danos,
E eles, por ser tão rude e singular,
Julgem, em vez de historia, ouvir enganos,
Direi, recuperando a mocidade
Na carinhosa angustia da saudade:*

VIII

*—Filhos! A vida é luta a cada instante;
Que o seja pelo bem. Venci a sorte
Pois sempre alcança o fito o caminhante
Quando um formoso ideal o torna forte;
E se, morreado, a vida triunfante
Surgir de novo, então bendita a morte
E venturoso aquele que a tiver
Amando a patria e amando uma mulher!*

IX

*E irei depois, curvado de canceira,
De novo entre oliveas acolhedores
Levando ao lado a minha companhia
Que foi, com minha patria, os meus amores.
E a neve nas ramadas de oliveira
Ha-de formar um céu de renda e flores,
Ilusão de perfumes e de ninhos,
Que é esta a primavera dos velhinhos...*

Acacio de Paiva.

FIGURAS E FACTOS

Nas costas do Norte

O mau estado das costas de Portugal, especialmente das do norte, tem causado por vezes serios desastres em que perecem inúmeras vítimas e se afundam muitos barcos. Ainda ha poucos dias e com o intervalo de um apenas, entre o Mindelo e Vila do Conde, naufragaram dois vapores, que traziam para

Leixões carregamento de carvão para o caminho de ferro do Minho e Douro.

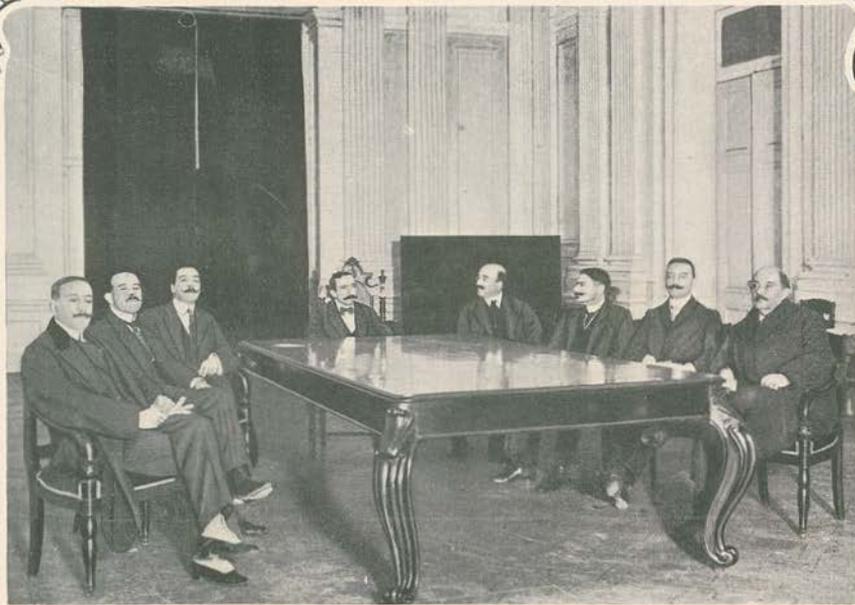
Do primeiro, o vapor inglez «Salurian», a tripulação salvou-se, bem como parte da carga; mas do segundo, o vapor holandez «Bogor», da sua tripulação, que se compunha de trinta e oito homens, apenas se salvaram, com enorme

dificuldade, quatro. N'aquelas costas é sempre perigosa a navegação; mas torna-se perigosissima quando em noites como aquelas em que se deram os desastres, o mar se agita convulso e raivoso e o vento sopra com violencia.

E não ha em toda a sua extensão a quantidade sufficiente de faroés e businas que sirvam de guia aos navegantes e os avisesem dos escolhos em que podem sossobrar com os seus barcos! Impõe-se como necessidade inadiavel evitar estes desastres, tão lamentaveis para quem os sofre, como para quem d'elles tenha conhecimento ou seja espectador.



O vapor inglez «Salurian» naufragado entre o Mindelo e Vila do Conde

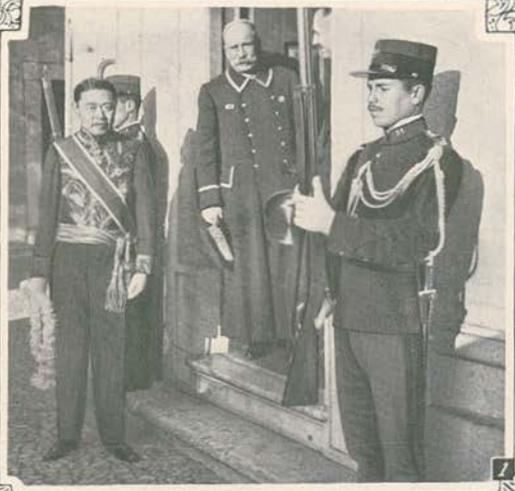


O novo governo: A primeira reunião do conselho de ministros

(«Cliché» de Benoit).

No palacio de Belem foi solenemente recebido, para fazer entrega das credenciaes, o sr. Tal Tch'enne Linne, novo ministro da China acreditado em Lisboa. Foram observadas todas as regras do protocolo e o discurso do novo diplomata teve as mais agradaveis referencias ao nosso paiz e ás suas instituições, que, afinal, são as mesmas que regem aquella grande nação.

O sr. dr. Ma-



O sr. Tal Tch'enne Linne, novo ministro da Republica da China em Lisboa—(Clitche Benoit)

nuel d'Arriaga, illustre presidente da Republica, agradeceu as gentis referencias do ministro da China e fez os mais calorosos votos para que as relações seculares que existem entre os dois povos se mantenham e se estreitem ainda mais se fôr possível, tanto mais que os regimens porque ambos se governam são identicos, devendo, por isso, ser identicas as suas aspirações.



mo de muitas pessoas que tem assistido ás lições. Bom será que não util iniciativa corresponda a os fins para que foi introduzida—o robustecimento do nosso exercito.

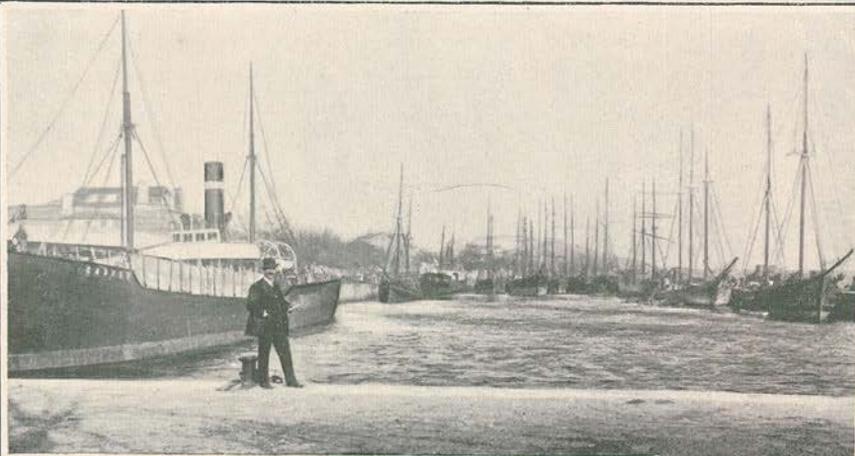
Educação física nos regimentos.

—Os cursos de educação física, da iniciativa do ministerio da guerra, para os officiaes do exercito, e que tambem são extensivos aos sargentos, tem dado os mais lisongeiros resultados. No curso do Porto, dirigido pelos illustres professores srs. dr. Costeado Mena e Gomes de Oliveira, os alunos deram as mais brilhantes provas nos variados exercicios da ginastica sueca, merecendo os louvores não só dos seus mestres co-



2. Um dos movimentos de ginastica sueca.—3. Da esquerda para a direita, sentados: sargento-ajudante sr. Pacheco; Os professores srs. tenente-medico José Casimiro Costeado Mena e João Gomes de Oliveira; 2.º sargento Cardoso. De pé: 2.º sargentos srs. Fonseca, Vilhena, Coelho e Mourão

PAISAGENS PORTUGUEZAS



1



2

3. Moinhos e casas de habitação na margem esquerda do rio Paiva, em Castelo de Paiva. — (Cliché do distinto fotógrafo a ma d o r sr. Casimiro Ferreira).

1. A doca do porto de Viana do Castelo. (Fotografia enviada pelo sr. José de Araújo).

2. Margem do rio Sever na fronteira hispano-suzitana em Montalvão (Cliché do sr. José Silva Marques).



3

Festa republicana na Zambezia



Portuguezes residentes em Macuse saudando a bandeira nacional, tendo havido antes uma sessão solene de homenagem à Republica.



*Um batuque de preto: no praso de Macuse por ocasião da festa republicana
(«Clichês do distinto fotografo sr. J. Vasconcelos».)*

JARDIM COLONIAL



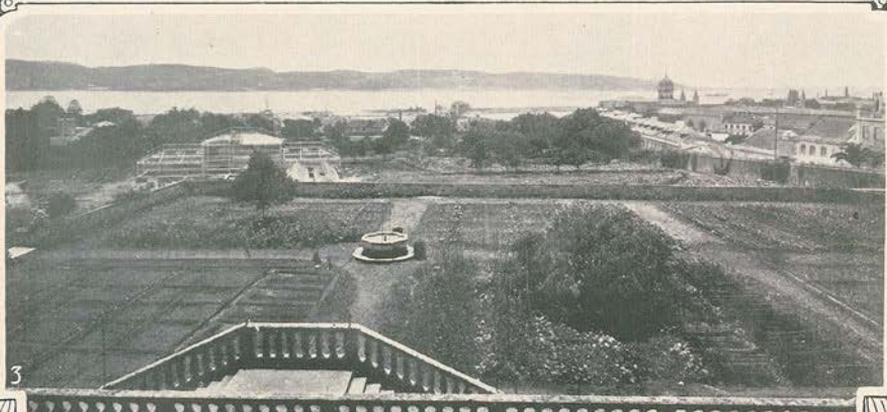
1. Um aspêto do jardim

No Jardim Colonial de Lisboa foram expostos os produtos de Angola que figuraram na exposição colonial ultimamente realizada em Londres, e que tão lisongeiras classificações obtiveram. São em grande numero e variadíssimas as espécies expostas e foram muito apreciadas pelos visitantes que acorreram ao Jardim Colonial a admirar os produtos d'aquella nossa colonia.



A direção do jardim e os ministros demissionarios srs. Freire d'Andrade e Lisboa de Lisboa.

(«Clôché Benoitel».)



Outro aspêto do jardim

A EUROPA EM GUERRA

Nem os primeiros relatos desapiadados do inverno fizeram afrouxar essa luta horrenda, interminável. Ha 4 mezes que se mata e se destroe com uma furia desconhecida nos anaes sangrentos da idade média; ha 4 mezes que o imperialismo germanico arrancou a mascara de um trabalho pacifico e civilizador para apresentar os instintos sanguinarios da besta-féra que a humanidade — ai de nós! — parece apenas saber distarçar, e não corrigir!

Luta-se debaixo de chuva, luta-se sobre o gelo, luta-se dentro da agua que invadiu as trincheiras, luta-se nos ares revoltos, luta-se nos mares encapelados. E não tardará que todo o mundo esteja em guerra, se estorça n'um brazeiro, como se se realisasse um d'esses pesadelos pavorosos do visionario de Patmos! E' a consciencia universal que se revolta contra a nova tirania que tenta escravisal-a. Por cada paiz

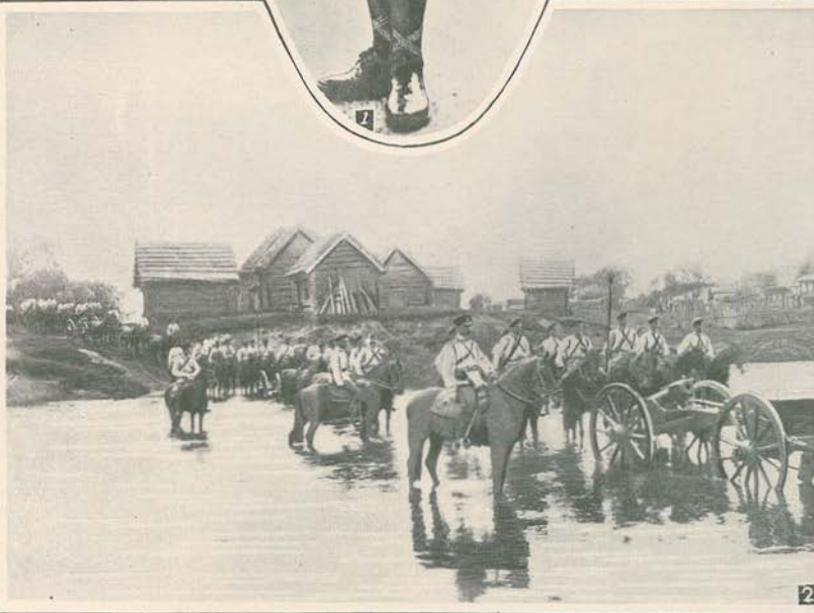


semi-barbaro, como a Turquia, que a Alemanha consegue assalariar ao serviço da sua feroz ambição, desencadeiam-se contra ela dois ou tres, em nome dos modernos principios do direito e da justiça.

Despovoam-se vilas e aldeias, abandonam-se lares e familia, n'uma ancia irrefreadavel de combater. Ninguém pensa nos que deixa, nem nas comodidades que perde. Só ha uma coisa que os absorve: exterminar um cesarismo, mais odioso e odiado do que o da velha Roma, cortar-lhe os tentaculos com que pretende asfixiar a liberdade da Europa inteira.

Antes de terminar essa obra, não pôde haver descanso, nem alegria de familia; porque paira sobre nós o risco de perder tudo, desde o palmo de terra que podemos chamar nosso até á autonomia do paiz.

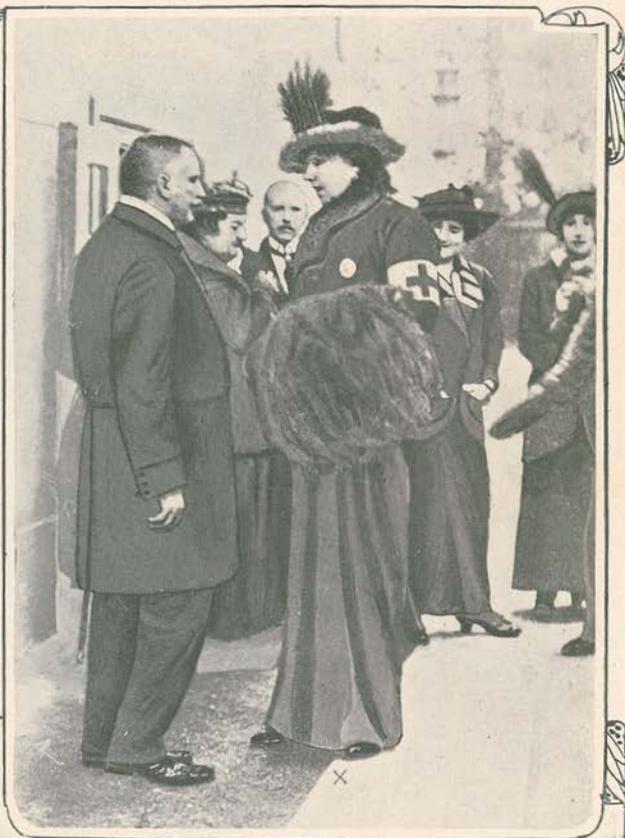
N'estes dias de festa — Natal e Ano Bom — derramam-se muitas lagrimas pelos ausen-



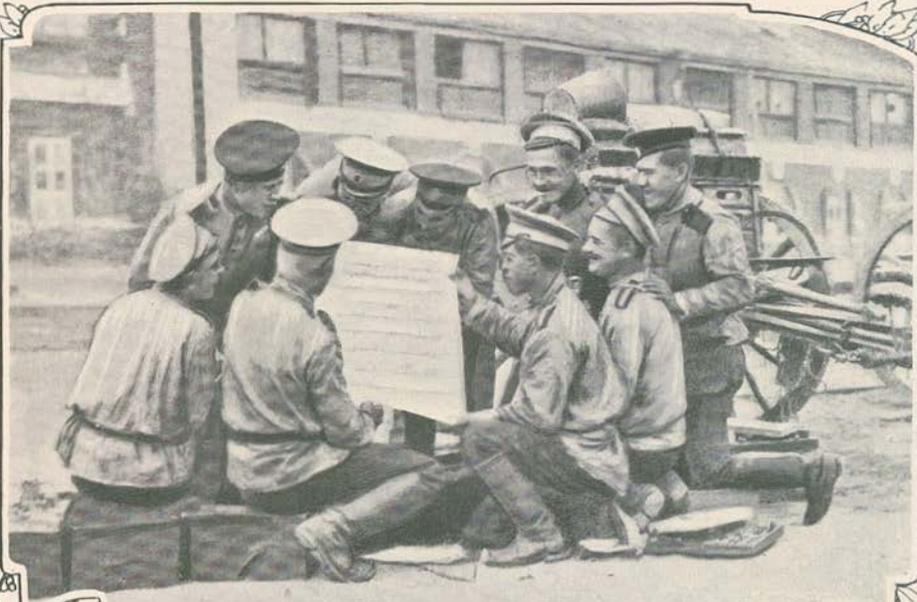
1. O principe de Gales nomeado ajudante do exercito ingles em França.—2. A artilharia russa atravessando um rio.

tes; mas muitas mais se deramariam, se ficassemos de braços cruzados, deixando o inimigo invadir e recalcar o que é nosso. Antes os paes chorem hoje de saudade pelos filhos do que os amaldiçoem amanhã por eles não terem cumprido a tempo o seu dever. Se o Natal d'este ano é triste, será alegre o de muitos outros anos. Pretender alegrias n'este, esquecendo o gravissimo perigo que nos cerca e agarrando-nos uns aos outros n'um sentimentalismo morbido, que é o primeiro sintoma da incapacidade de um povo, equivalia com certeza a não termos nem mais um, com jubilo e paz no nosso lar, com honra e liberdade no nosso paiz.

Não temos que lembrar-nos, banhados em pranto, de que estamos no Natal e que andam os nossos, lá longe, a servir a Patria, temos sim, de lembrar-nos, orgulhosos d'eles e ciosos dos nossos brios, que os acontecimentos nos empurraram brutalmente para o dilema: *vencer ou morrer*.



1. A condessa do Leuyay, antiga princeza Leonia da Belgica, visitando os hospitaes.—2. Os alemães preparando trincheiras.



No acampamento russo: Lendo as notícias da guerra



Os russos partindo para a fronteira



1

1. Operações de cavalaria no Norte: Os dragões em frente da linha de fogo.
—(«Clichés» M. Branger).



2

2. Cozinha n'um acampamento russo



4



5

3. Uma coluna de infantaria francesa procurando posição.—4. N'um hospital militar: Uma religiosa tratando de um ferido.—5. Um posto da Cruz Vermelha na gare de Aubervilliers: A preparação dos alimentos destinados aos feridos que são pensados a paragem dos combates.—(«Clichés» M. Branger).



Limpeza de armamento n'um acampamento ingles



Os cossacos em descanso



Em Lille: desmoronamento de uma casa em seguida ao bombardeamento dos alemães



A artilharia com que os alemães defenderam o Camarão e que foi tomada pelos ingleses.



Depois das grandes perdas da sua cavalaria, os alemães substituem-a por marinheiros montados



A tribu Senussi que se poz ao lado da Turquia



Cavalaria turca partindo para a fronteira russa

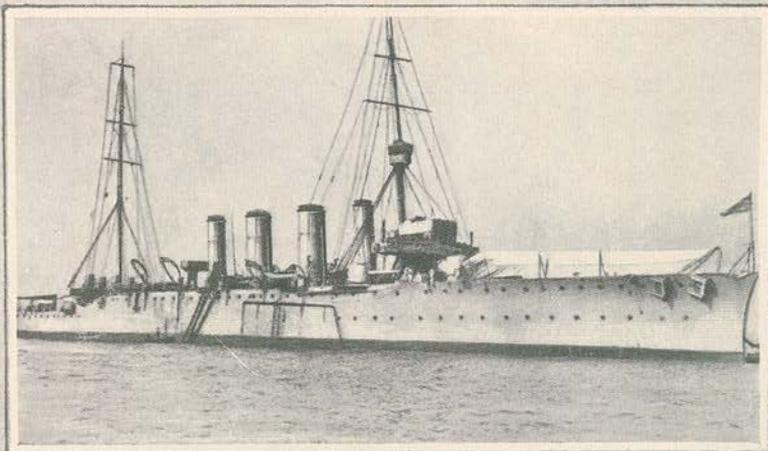


Artilharia turca com os novos uniformes

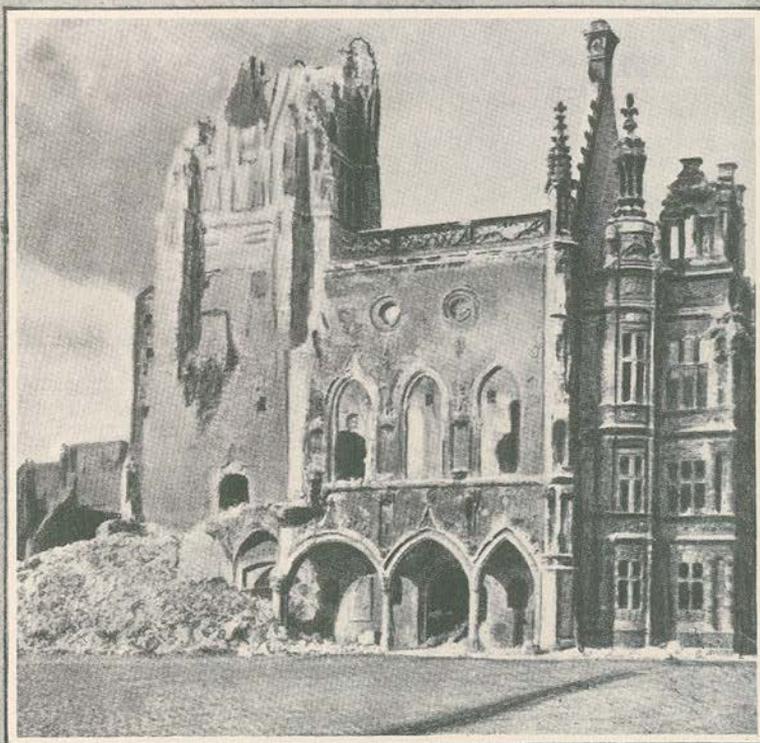
(«Cliche» Chusseau Flaviens).



O caminho militar pelo deserto, sobre o qual os turcos caminham para o Egypto.



O cruzador australiano «Sydney», que destruiu o cruzador alemão «Emden»



O município de Arras, cuja arquitetura datava de 700, destruído pelos canhões alemães

A defeza de Angola

Mais um contingente partiu para a Africa a juntar-se á coluna que em Angola o tenente-coronel sr. Alves Roçadas comanda.

São mais mil bravos que vão prestar o seu concurso na defeza da patria ameaçada pelos subditos do Kaiser; são mais mil bravos arrancados á terra alemtejana que irão demonstrar a altivez da sua raça e afirmar pela sua coragem e resolução que quem abre as entranhas da terra, cavando-a para receber as sementeiras que hão de produzir a abastança, não se teme



O comandante da expedição, major sr. João dos Santos Pires Viegas e o seu ajudante

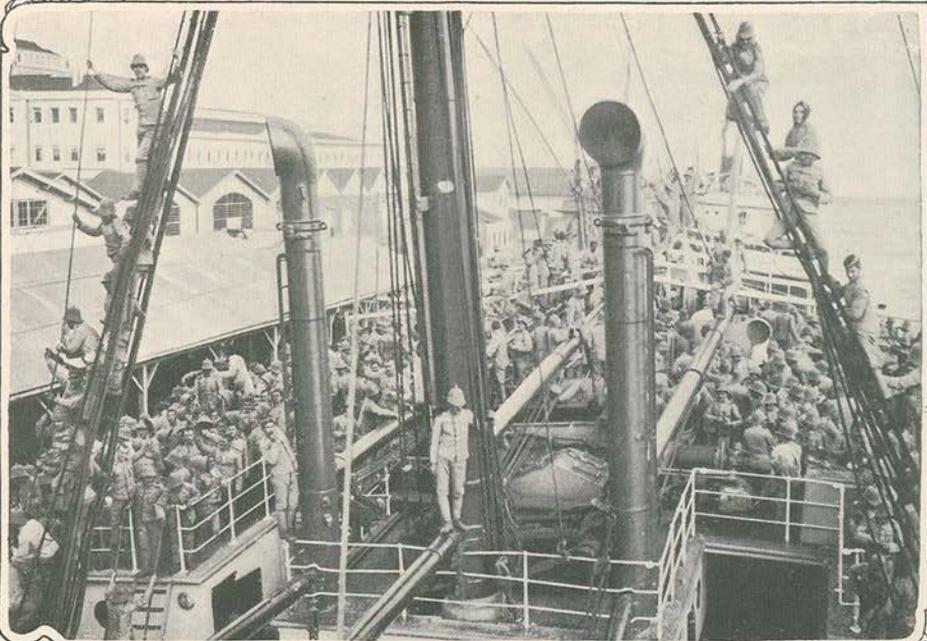
Patria, que os ficava contemplando para os galardoar como merecerem pelos seus atos heróicos.

de pelejar com um povo aguerrido, a quem falta a justiça e o direito de combater.

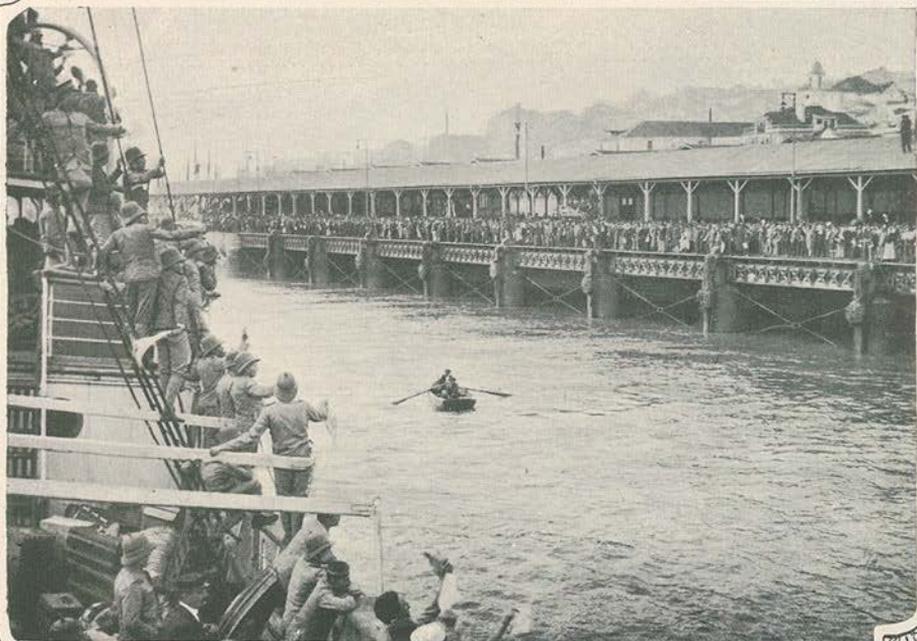
A despedida do novo reforço de soldados, que é o comando do pelo major sr. João dos Santos Pires Viegas, foi afetuosa, havendo a bordo do paquete «Africa», da Empresa Nacional de Navegação, que o conduziu, troca de brindes em que se prestou homenagem aos soldados que partiam e á



O batalhão expedicionario de infantaria 11, formado no largo do Caes dos Soldados (Santa Apolonia—«Clíchê» Benollet).



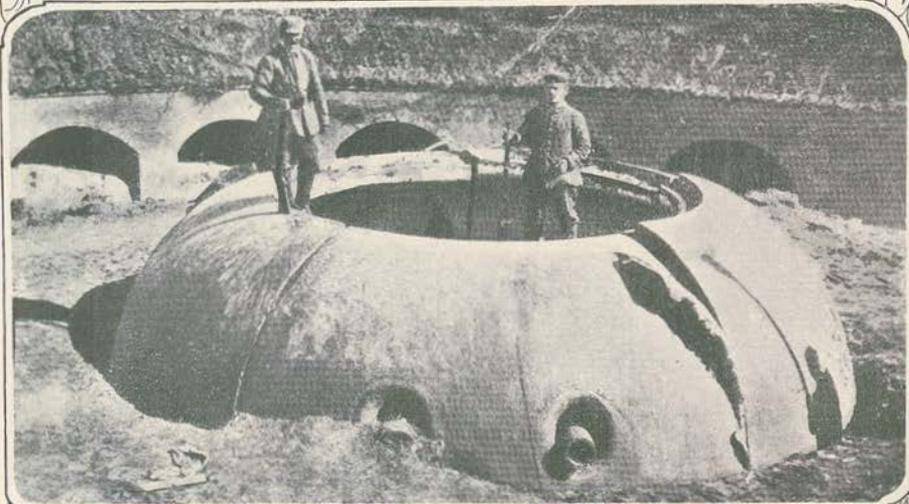
A bordo do Africa: Soldados de infantaria 17 na prôa do navio cantam a Portuguesa



O Africa largando do Caes da Fundição.—Os últimos adeus



Oficiais ingleses em exploração nas suas trincheiras



A cupula do forte de Mauberge destruído pelos projeteis da artilharia alemã

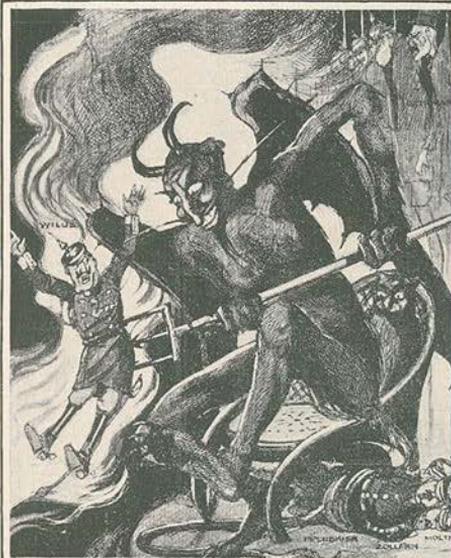
Os artistas e a guerra



Em Santa Helena: O kaiser pensando na tremenda descompostura que ha de levar de Bismark no outro mundo por ter estragado o «negocio alemão».



Nas margens do Yser: O kaiser pergunta ao chanceler o que ha de fazer, se afogar-se ou enforcar-se; respondendo-lhe o outro que dependia do que encontrasse primeiro, ou agua ou uma arvore.



O kaiser queira-se a Belzebuth de que está a arder, e o diabo pergunta-lhe: «E que fizeste tu a Reims e a Louvath?»



Reduzido a tocar realejo pelas portas, o kaiser incita o macaco a saltar para ver se «agahna alguns cobres».
(Do Mucha de Varsovia).



O «Navio Fantasma»



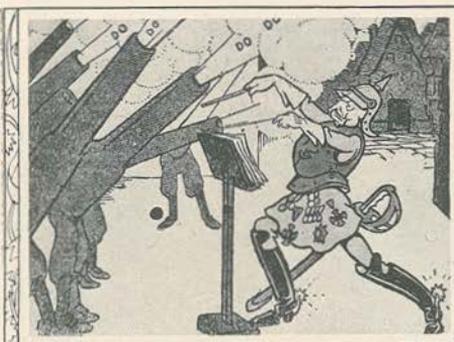
«Parsifal»



«O crepúsculo dos deuses»



«Lohengrin»



«Os mestres cantores»



«O onro do Reno»

A incarnação do kaizer nos heroes das operas de Wagner.—(Estas interessantes e expressivas caricaturas são extraídas do *Il Travieso*, um dos jornaes humoristas mais vivaz que se publicam em Roma e que teve a ideia feliz de apresentar as ações estrondosas do kaizer s.b a forma wagneriana).



O FILHO.—E' preciso que mostremos não ter medo. Se nós cantamos ou assoviásemos?
O PAE.—Pode ser. Canta lá, meu filho.
O FILHO.—Já se avistou Calais?
N'isto dá-se uma explosão, e os dois põem-se de cocoras dando de frente com os aliados.

UM ALIADO INCOMODO PARA O INVASOR.—O kaizer bem se es-falta em estender os punhos fechados para a Inglaterra. Mas surge-lhe Neptuno em frente brandindo o tridente. Com este aliado é que ele não contava.



Os salvados: A X indica o ponto onde se submergiu o vapor, vendo-se ainda parte da proa



Trabalhando na remoção dos salvados



Outro aspeto dos salvados



A caminho do local onde naufragou o vapor (Cluêch A. Martins).

TEATROS



A nova companhia do Avenida:
1. Atriz Olinda Rajanto—2. Atriz
Mária Litall—3. Atriz Eteivina
Serra—4. Atriz Amélia Pereira.

5. Justina de Magalhães—6. O
ator Estevão Amarante—7. O em-
prezario sr. Luiz Galhardo—8. O
ator Nascimento Fernandes.

“A GAROTA” no Teatro Politeama :



“CEU AZUL” revista no Teatro Avenida:

Os quatro atos d'*A Garota* de Weber e Grosse, interpretados por Aura Abranches, deram ao publico de Lisboa, habituado á sornice dos nossos espetáculos, em que as promoções artisticas, no cartaz, se fazem por antiguidade, uma sensação de expontaneidade, de frescura, a que d'ha muito ele não estava habituado. O talento de Aura afirmou-se poderosamente, não ha duvida. Desde o meio do 1.º acto, ele dominou a sala. Mas, tanto como o seu talento, a sua esplendida juventude surgiu no palco, aos olhos do publico, como um alegre despertante de sci.

Ao lado de Aura, o talento de Adelina Abranches creou, com o seu temperamento excecional, a figura admiravel da velha Leocadia e Azevedo deu-nos uma forte impressão de sobriedade e elegancia. Alfredo Abranches compoz com graça e vivacidade um tipo interessante de comedia.

E ácerca da peça? Ah! *La Gamine*, que, em Paris, foi creada pela famosa e infeliz Lantelme!... Ninguém me convence de que Weber e Grosse não escreveram esta peça para a Aura!

O aspecto por que principalmente se impõe a nova revista em scena no Avenida, é o da sua extrema elegancia. O *Ceu Azul*, original de Luiz d'Aquino, Pereira Coelho e Gustavo de Sequeira, tres nomes que o publico tem justamente aclamado, distingue-se, de facto, de muitas das outras revistas conhecidas, por um córte feliz, por um desenho geral de figuras e de quadros, em que se sente, no meio de todas as indispensaveis transigencias do genero, uma leve e amavel inspiração artistica. Para esta impressão concorre ainda a frescura da duzia de bonitas raparigas que animam a peça; o luxo do guarda-roupa e do cenário e o brilho d'uma encenação, que é uma verdadeira maravilha do bom gosto, fóra dos nossos habitos e mais uma manifestação dos muitos meritos do ensaiador distinto que é Armando de Vasconcelos. Na interpretação dos estreadantes, destaca-se Justina de Magalhães. Nascimento Fernandes e João Silva compuzeram com fantasia dois tipos: o *Traço Grosso* e o *Kaiser*. Entre as atrizes, menciono com prazer, na *Caricatura da Dança*, pela sua gentileza parisiense, pela distincção, pela malicia delicada e sobria com que sabe sublinhar o *couplet*, a figura de Pilar Monteiro.



As atrizes Adelina Abranches
e Aura Abranches,
atualmente no teatro Politeama



1. O sr. Eduardo Ludgero Rodrigues, industrial e proprietário, falecido em Lisboa.—2. O major de infantaria reformado sr. Leopoldo F. I. Fernandes, falecido em Estremoz.—3. O sr. Joaquim M. de Palma, agricultor e proprietário, falecido em Beja.—4. O farmacêutico sr. Marciano Beirão, de Louses, falecido em Lisboa.—5. O sr. dr. Joaquim F. Vieira, major medico e sub-inspetor de san-



de da 3.ª divisão militar, falecido em Lisboa.—6. O sr. Pedro Gomes Martins, antigo litografo da Imprensa Nacional, falecido em Lisboa.—7. O sr. Pedro Maurício de Almeida, comerciante, falecido ha dias.—8. O capitalista e proprietario sr. José P. Corra, falecido em Torres Novas.—9. O sr. José Monteiro, que era natural da Guarda, e faleceu em Vila Franca de Xira.



10. Grupo de voluntarios dos correios e telegrafos de Tete.—1 Dias, 1.º aspirante; 2 Othonio Pinto, ajudante; 3 Oliveira e Cruz, 1.º aspirante; 4 Manuel Paredes, director dos correios e telegrafos; 5 Dias Pedroso, 1.º aspirante;

Quando pelas noticias das investidas dos alemães em Angola a população de Tete estava inquieta, temendo que se manifestasse uma rebelião de indigenas do Chico, não havendo ali senão um reduzido numero de cipas para fazer a policia, os empregados dos correios e telegrafos, tendo á frente o seu director sr. Manuel Paredes, formaram um cor-

7 Martinho de Freitas, 2.º aspirante; 8 Sant'Ana Alfonso, 2.º official; 9 Ernesto Ferreira, 2.º aspirante. No mesmo grupo: pessoal indigena, guardas florestaes, etc. (Clichés de Carvalho e Moreira).

po de voluntarios não só para a defesa da terra, mas para marchar para a guerra se fosse necessario. Depressa se adextraram no manejo das armas, saindo alguns excelentes atiradores. A seguir todos os funcionarios publicos se organizaram em corpos de voluntarios, o que resultou em cada um d'elles estar não só um servidor do Estado mas um soldado para a defesa da patria.



11. Jach Johnson, jogador de boz que ha dias esteve em Lisboa.



12. A fachada da nova «Leitaria Internacional» na rua do Loreto
13. No medalhão o sr. Antonio Ribeiro Cardoso, proprietario da Leitaria

(«Clichés» Benoitel).

1.º Aniversario da "MUNDIAL"



Por ocasião do 1.º aniversario de entrar em execução a lei dos Accidentes de Trabalho, que coincide com o da instalação da Companhia de Seguros *Mundial*, o sr. dr. Estevão de Vasconcelos autor da lei e presidente do conselho de seguros visitou a sede da florescente companhia, tecendo rasgados elogios á forma porque todos os serviços estão montados especialmente os do Posto Medico, e felicitando os corpos gerentes na pessoa do sr. Eduardo Placido, diretor delegado, cuja competencia em assuntos de seguros é assaz conhecida.



1. O sr. dr. Estevão de Vasconcelos, autor da lei dos accidentes no trabalho, visitando os escritorios da "Mundial".—2. A fachada da "Mundial" na rua Garrett.—3. O sr. dr. Estevão de Vasconcelos, acompanhado do diretor gerente, sr. Eduardo Placido, na sua visita ao posto de socorros medicos da "Mundial".—(«Clichés» Benoliet).

**PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD**

Sem Opio nem Morphina
Muito eficaz contra a

ASTHMA

Catarrho—Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exito. — Medilhas Ouro e Prata.

H. FERRE, BLOTTIÈRE & C^o

6, Rue Dombasle, 6

PARIS

E BOAS PHARMACIAS

EU CURO A HERNIA

SEM O USO PERMANENTE DA FUNDA

Se V. está herniado ou conti. ce alguém que padeça da hernia, o meu método, de cura deve interessar-o. O meu método difere de todos os outros, no que não só contém toda a classe de hernias em uma forma continua e segura com perfeita comodidade mas também faz formar um novo tecido na abertura da hernia, unindo assim o logar roto, produzindo uma cura perfeita e permanente. Nenhum outro método fará o mesmo. Já tenho provado, por varias vezes que o meu mét do cura depois das operações cirurgicas terem fracassado, os meus pacientes curados tem-se exposto a exercicios lissicos mais rudes, os quaes submetto a os doutores certificarão a cura. Nenhuma pessoa herniada e muito joven ou muito velha nem nenhuma hernia é tão grave que não tenha cura.



Entre os muitos que se tem curado encontram-se os srs. D. E. Rodrigues de Lima, morador na Rua dos Marnozos, AVEIRO, Portugal, comerciante de 34 anos de idade, e o Sr. D. D. Luiz da Mata, ENVENDOS (Beira Baixa) Portugal, um comerciante, que estava herniado havia 5 anos.

Não se demore V. a escrever-me quanto antes pedindo-me detalhes acerca do meu método e eu enviarei-lhe tambem uma amostra gratuita do meu medicamento franco de portes. Escreva-me já, antes que a sua hernia chegue ao estado de se estrangular e que uma operação seja o unico meio (não certo) de salvar a sua vida.—Dr. Wm. S. RICE (S 825), 8, 9, STONECUTTER ST., LONDRES, E. I., INGLATERRA



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubourg, 44 - PARIS

BRINDE AOS LEITORES

250 pés de Morangueiros em 10 das melhores qualidades de frutos grandes, á nossa escolha por 1\$600 réis sem mais despeza. Enviar esta importancia em selos, vales ou ordens postaes a

MOREIRA DA SILVA & FILHOS HORTICULTORES PORTO
Rua do Triunfo, 5

para os receberem na volta do correio.

PLANTAS
AS NOSSAS ARVORES
E
COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS
MOREIRA DA SILVA & FILHOS
HORTICULTORES
5-RUA DO TRIUNFO-5
PORTO
CATALOGOS GRÁTIS

Perfumaria
Balsamão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE. N.º 2777-LISBOA

**Companhia do
Papel do Prado**

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	246.400\$000
Réis.....	950.310\$000

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA **Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórm. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CRÈME
DEPILATORIO
pronto a empregar.
Efeito garantido.
Perfumado. **Tira rapidamente,** a penugem, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo.
Não produz nem borbulhos nem vermelhidão.
não irrita a pele. — Envio discreto e franco
contra vale do correio de \$80 centavos
REPRESENTANTE: JULES DELIGANT
15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

XAROPE - GAYAL -

Suprime os mais violentos
accessos de tosse em
poucas horas

INOFENSIVO
AGRADAVEL
EFICAZ

EM TODAS AS FARMACIAS
900 Reis.